



ARTIGO

**VIEIRA DA CUNHA –
O FILHO DA ATENAS
CAMPESTRE**

Vanessa Pereira Vassoler

*Mestranda do Programa de Pós Graduação em Artes –
PPGA da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES.*

Resumo

Olhar Cachoeiro do Itapemirim do século passado é lembrar-se dos problemas sociais, das transformações urbanas, da crise política e do rico contexto cultural que surgia graças à economia do município no período e da avidez da elite intelectual por cultura. Nesse cenário, intelectuais capixabas de realidade campestre revolucionaram a cultura local e expandiram fronteiras. Fizeram versos, poesia, política, jornais e revistas e propagaram a realidade da sociedade e seus costumes e ideais. Este artigo pretende ser o começo de um estudo sobre o periódico "O Martello", a linguagem e discurso de Vieira da Cunha, um dos criadores, capixaba que aspirou renovação e mudança na política e cultura.

Palavras-chave: Vieira da Cunha, O Martello, caricatura.

Abstract

To look at Cachoeiro do Itapemirim of the last century is to remember oneself of its social problems, of the urban transformations, of the political crisis and of the rich cultural context that emerged thanks to the economy of the municipality at the time and the eagerness of the intellectual elite for culture. In this scenario, Capixabas intellectuals of a rural background revolutionised the local culture and expanded borders. They made verses, poetry, politics, newspapers and magazines and propagated the reality of society and its customs and ideals. This article intends to be the beginning of a study on the periodical "O Martello", the language and discourse of Vieira da Cunha, one of the Capixaba creators who inspired the renewal and change in politics and culture.

Keywords: Vieira da Cunha, O Martello, Caricature.

Introdução

O aparecimento da caricatura no Brasil está vinculado ao surgimento e desenvolvimento da imprensa, na primeira metade do século XIX. Com a chegada da família real portuguesa ao Brasil houve a abertura dos portos, oportunizando a introdução das primeiras oficinas gráficas no país, que iniciaram a produção de livros e periódicos ainda sem material ilustrativo. Com oficinas tipográficas e litográficas instaladas em solo brasileiro, a imprensa obteve o estímulo que faltava para expansão e multiplicação de publicações de jornais e periódicos, inclusive os de caráter satírico e crítico. As duas primeiras décadas do século XX foram auspiciosas para esses veículos no país que desempenharam significativa função de formação sociocultural do povo, por serem os principais meios de informação.

A caricatura assim como a charge fazendo uso do humor, da sátira e também da sutileza, articulou importantes comentários sobre a história política brasileira. Os periódicos críticos e satíricos foram os

veículos que propuseram divergir, censurar, corrigir ou ironizar atitudes, ideias, valores e pessoas. Exerceram importante papel, tanto como meio de informação, quanto como objeto de questionamento e protesto.

A caricatura tem sido, através da história, voz contundente e impiedosa que, mesmo sob as condições severas da censura, usando a linguagem metafórica, subversiva e velada da ironia, da sátira, do sarcasmo e do trocadilho, denuncia e reivindica os sofrimentos dos oprimidos. A caricatura é portanto, arma aguçada que o povo aplaude ao ver ridicularizadas nela a força, o despotismo, o autoritarismo, a intolerância, a injustiça. (FONSECA, 1999, p. 13).

O contexto comportamental do início do século XX ainda era conservador e tradicionalista, não aceitando e censurando tudo que problematizava a realidade social e cultural, e ameaçava a imagem da elite instituída sobre os valores da moral e dos bons costumes.

Antônio Belisário Vieira da Cunha foi um intelectual capixaba que viveu de forma atuante entre Cachoeiro do Itapemirim e o Rio de Janeiro, no período da Primeira República. Além ser capixaba, razão pela qual causa grande motivação pesquisar, suas obras jogam luz sobre a sociedade da época e todos os seus problemas. Será realizada uma breve análise, dos discursos divulgados pelas obras do periódico "O Martello" e algumas caricaturas de personagens importantes do início do século XX, no Espírito Santo. O intuito é alcançar respostas de como se dava a sociedade frente aos acontecimentos naquele período, as influências políticas e culturais diante do modelo vital proposto na época. Além do posicionamento do periódico em relação à população no que tange à liberdade de expressão e a consideração aos leitores.

A origem e descoberta do talento

Em 5 de novembro de 1896, mesmo dia do nascimento de Rui Barbosa, nasce Antônio Belisário Vieira da Cunha na fazenda Prosperidade no município de Vargem Alta, província do Espírito Santo. Veio ao mundo portador com pendor e intuição para as belas artes e com um próspero começo de vida. Seu pai, o carioca Belisário Vieira da Cunha era médico e intelectual, dono de um invulgar talento literário e sempre preferiu assuntos poéticos aos profissionais, optando em certo momento de sua vida entregar-se ao culto das letras e ao cultivo da terra.

Vieira da Cunha iniciou seus estudos e compôs seu espírito até os 16 anos sob a luz e orientação de seu pai, na fazenda de sua família. Belisário Vieira da Cunha, que assinava seus poemas com o pseudônimo de Phídias, promovia reuniões e recitais poéticos em sua casa. Como a "Prosperidade" localizava-se a caminho de Cachoeiro de Itapemirim, tornou-se hospedagem de políticos, intelectuais e artistas que faziam o percurso entre Cachoeiro e a capital Vitória. Foi nesse ambiente cheio de visitantes ilustres, com acesso a uma grande biblioteca com livros e revistas atuali-

zados vindos da Capital do país, Rio de Janeiro, que o menino em 1902 deslumbrou-se com o caráter do recente periódico "O Malho" de Crispim do Amaral e não resistiu à tentação de caricaturar os visitantes do casarão patriarcal.

Dotado de grande senso de observação e síntese, reparava a fisionomia, os trejeitos, as características marcantes de cada pessoa, e sintetizava de forma prodigiosa os desenhos caricaturais em poucos traços, porém seguros e marcantes. Em 1906 usando um tipo de pedra comum na região, argamassa de caolin, tinta de alinina e outros materiais conseguiu imprimir seus desenhos como se fazia com a pedra litográfica.

O pai e o irmão mais velho (João Belisário) começaram a produzir um periódico em 1904 chamado "O Martello" com conteúdo literário e artístico. Em 1906, para ajudá-los, Vieira da Cunha refaz o projeto gráfico inspirado no semanário "O Malho", acrescentando suas charges e caricaturas e fundamentando-o no humor e crítica política. Com o uso da litografia consegue produzir uma tiragem de 250 exemplares. O periódico circulou por mais 4 anos, até 1910, com rico conteúdo crítico que rapidamente agradou os leitores que consumiam toda sua produção.

O Martello e suas marteladas

A capital do Espírito Santo, Vitória, era uma cidade pequena e esvaziada economicamente entre o final do século XIX e início do século XX. Até meados do século XX tinha menos habitantes que Cachoeiro, que chegou a responder por um terço da arrecadação do Estado. A região sul era a mais próspera e rica do estado nesse período. Por conta disso, tornou-se viável a implantação de ferrovias, estradas e portos para escoamento de suas riquezas, principalmente o café. O café transportado era despachado diretamente para o Rio de Janeiro. Havia um complexo e eficiente sistema multimodal ainda na época do Império.¹

¹ CALIMAN, O. Formação Econômica do Espírito Santo: de Fragmento

Tendo a região sul o maior desenvolvimento econômico e político do estado, com a cultura não poderia ser diferente, grandes artistas, poetas, escritores, intelectuais, caricaturistas surgiram e tornaram-se reconhecidos nacionalmente na época.

João Belisário Vieira da Cunha (irmão do Antônio) assim como o pai Dr. Belisário Vieira da Cunha, foi grande escritor e poeta. Em uma excepcional produção, datilografada em forma de brochura, que não chegou a ser publicada, chamada “Os Vieira da Cunha e o Jornal ‘O Martello’”, Levy Rocha (1969, p. 4) relata que a fazenda Prosperidade teve repercussão no movimento simbolista brasileiro e que “Andrade Muricy, ao traçar o ‘Panorama do Movimento’, no livro em 3 volumes que publicou em 1952, dedica algumas páginas ao poeta João Belisário Vieira da Cunha, transcrevendo alguns de seus versos”. O também literato Rubens Falcão em sua obra “Antologia dos Poetas Fluminenses”, publicada em 1968, escolhe duas produções do poeta para compor o livro e diz que a produção de João Belisário Vieira da Cunha ficou dispersa em jornais e revistas, caindo no esquecimento².

Enquanto Antônio ocupava-se em ser criança, desfrutando do espaço e liberdade oferecidos pela vida campestre na fazenda Prosperidade, Dr. Belisário e João extrapolavam a inquietude de suas mentes lançando o referido jornalzinho manuscrito chamado “O Martello”, com 4 páginas, em 23 de outubro de 1904. A apresentação era modesta, em duas colunas. A primeira página era tomada por coisas políticas articuladas por um redator oculto pelo pseudônimo de Sr. Ismênio Júnior. Já a segunda página continha poesias geralmente de Jobeli ou J. Senior, alguns dos pseudônimos de João Belisário. Na terceira página, Phídias, pseudônimo do Dr. Belisário, divulgava seus versos e por meio de crônicas traçava perfis de per-

tos do Período Colonial à Busca de um Projeto de Desenvolvimento. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/rigs/article/view-File/10061/7196>. Acesso em: 22 de abril de 2016.

² ROCHA, L. Os Vieira da Cunha e o jornal “O Martello”. Material datilografado, inédito. Brasília, set. 1969. p. 4.



VIEIRA DA CUNHA. Capa do periódico “O Martello” nº 1, 25/10/1904. Fonte: ROCHA, L. Os Vieira da Cunha e o Jornal “O Martello”. Material datilografado, inédito, 1969. p. 20.

sonalidades da cidade de Cachoeiro do Itapemirim. A quarta página era dedicada a notas e telegramas, como exemplo da nota citada por Rocha (1969, p. 6) do “versejador Tico-tico: ‘Que alegria, meus leitores, / Ao ver surgir “O Martello”, / Órgão dos lutadores, / Dos paladinos do Belo!’.” Levy Rocha teve em suas mãos alguns exemplares do jornal, durante o tempo que escreveu essa obra, emprestados por Gil Gonçalves, memorialista da cidade, e a quem a viúva de Vieira da Cunha (Antônio) confiou a coleção.

O surgimento de jornais e periódicos em Cachoeiro do Itapemirim no início do século XX confirma uma formação territorial já alicerçada e uma socie-



Foto Bernardo Horta 11/04/1905. Fonte: <http://g1.globo.com/espírito-santo/estv-vedicao/videos/>.

dade ávida por informação e cultura. Segundo a historiadora capixaba Deane Costa:

Cachoeiro de Itapemirim apresentou uma intensa vida “de relações” com os valores “literários, teatrais, musicais e jornalísticos”. As respostas aos perigos e desafios vividos pela população era demonstrado com uma significação e lógica próprias através das criações de ambientes ricos em obras (entidades culturais) e em eventos “urbanos”. (COSTA, 2002).

O ano II, nº 6, de 21 de abril de 1905 é marcado pelo aparecimento de um desenho em medalhão, de Bernardo Horta (1863 -1913), farmacêutico, jornalista, engajado na política local, neto do barão do Itapemirim³, amigo dos Vieira da Cunha e frequentador da Prosperidade. Ao lado desse medalhão um soneto de Phídias, saudando o insigne intelectual. Esse medalhão, embora sem assinatura, Rocha (1969, p.7) relata que “evidencia o aparecimento do ilustrador A. Vieira.” Bernardo Horta foi o editor do jornal “O Cachoeirano”, um dos principais da província, após a conversão do periódico à causa da República.

Nessa pequena caricatura, cuja imagem não está muito nítida, pode-se verificar em poucos traços as características mais relevantes do perfil do Bernardo Horta, se comparada com a foto ao lado. Apesar de pequena e com traços ainda tímidos, nota-se uma representação leal, a imagem da personagem sem exa-

³ SANTOS, A. Um republicano histórico no Espírito Santo da primeira república: a carreira de Bernardo Horta de Araújo (1887-1913). 2009. p. 142.



VIEIRA DA CUNHA. Capa do periódico “O Martello” nº 1, 25/10/1904. Fonte: ROCHA, L. Os Vieira da Cunha e o Jornal “O Martello”. Material datilografado, inédito, 1969. p. 20.

geros e deformações da fisionomia, ato que é comum ao caricaturar. Vieira da Cunha nessa caricatura captou aspectos da personalidade do Bernardo por meio do jogo das formas. Observa-se o formato do cabelo e orelha bem marcados, assim como a feição do rosto fino, com olhar e bigodes notáveis. É possível perceber nesse desenho o início de uma demonstração de capacidade síntese, peculiar em caricaturistas, o que mais tarde se tornará sua marca registrada.

A cada edição o jornalzinho mensal trazia conteúdo político, de cultura, poesias, sonetos, perfis em versos, novidades da cidade, notas e telegramas de leitores, colaborações de mais intelectuais e dessa forma foi agraciado pela população, que, devido

à pequena tiragem, passava de mão em mão e já aguardava ansiosa pela próxima edição. O ano era 1905, segundo ano de publicação do mensário, que já passava do número 8 e os redatores encontraram-se desvanecidos (fora de contexto) com a grande procura e advertiram os leitores que:

[...] “Martello” não aspira grande publicidade, vegetando humildemente no seio de uma fazenda longe dos bulícios da cidade, era organizado para simples passatempo dos seus redatores e fixação das ideias variadíssimas que a natureza da solidão onde residem e as notícias do mundo civilizado lhes imprimissem n’alma. E prossegue: De simples álbum de impressões passou, a pedido de amigos, a tomar o caráter de publicação cuja manuscricção muito nos sobrecarrega por não havermos à mão pessoal idôneo e... termina a explicação nos versos: “Como abelhas às flores / Os leitores ao “Martello” / Se lançam de mil amores / Como as abelhas às flores / Mas não há pó amarelo / Para servir-vos leitores, / Oh! Leitores do “Martello” / Como as abelhas as flores. (apud ROCHA, 1969, p. 8).

No ano de 1906, terceiro ano do periódico, inicia-se a segunda fase, marcada pelo aparecimento do menino Antônio Belisário Vieira da Cunha, então com 10 anos, que refaz todo o projeto gráfico do jornal, cria o slogan “Jornal de graça por um tostão” e com ajuda do processo litográfico produz uma tiragem de 250 exemplares. Seus bonecos e calungas em poucos traços assinalam o indiscutível aparecimento de um jovem artista. De acordo com Rocha (1969, p. 10) em “todos os números V. da Cunha se faz presente, desenhando e também escrevendo prosa ou verso”.

No exemplar a seguir de nº 4, ano 3, observa-se a repaginação da capa do periódico realizada por Vieira da Cunha, reproduzida por intermédio da litografia. O perfil caricaturado é do Senador capixaba Muniz Freire, realizado com poucos traços, a cabeça de tamanho desproporcional em relação ao corpo, típico da caricatura, exagerar alguns traços pesso-



VIEIRA DA CUNHA. Capa do periódico do “O Martello” com o Sen. Muniz Freire, 05/11/1906. Fonte: ROCHA, L. Os Vieira da Cunha e o Jornal “O Martello”. Material datilografado, inédito, 1969. p. 25.

ais do personagem. Muniz Freire foi um importante capixaba que na política trabalhou para o desenvolvimento do Espírito Santo, tinha reconhecida inteligência, talvez por isso a desproporção da cabeça em relação ao corpo nessa caricatura, que tem por característica refletir a personalidade em formato de desenho. Pelo texto de Juvêncio, o peralta, o político era estimado pelo editores do “O Martello”.

Abaixo outra capa do periódico do ano seguinte com Muniz Freire, dessa vez de frente. Nota-se que o título do jornal sofreu mudanças em relação ao ano anterior, com menos traços e mais limpo, de fácil leitura, ganhou leveza. Muniz Freire além de político era jornalista e advogado e fez uso da sua cultura



VIEIRA DA CUNHA. Ilustração da Capa do periódico “O Martello”, 30/08/1907. Fonte: ROCHA, L. Os Vieira da Cunha e o Jornal “O Martello”. Material datilografado, inédito, 1969. p. 27.

dos veículos de comunicação para escrever reivindicações, protestos e comunicação a população⁴. Essa atitude fica clara no segundo parágrafo do texto do Juvêncio e talvez seja o motivo de Vieira da Cunha caricaturá-lo com uma pena tão grande nas costas.

Vieira da Cunha na charge ao lado, com tão pouca idade já demonstra uma capacidade de analisar e questionar de forma racional e inteligente a política da época. Apresenta maturidade ao exibir à sociedade uma crítica por meio de um humor carna-

4 FRANCO, S. P.; HEES, R. R. A República e o Espírito Santo. Vitória: multiplicidade, 2003.



VIEIRA DA CUNHA. Página com charge política do periódico “O Martello”, 05/11/1906. Fonte: ROCHA, L. Os Vieira da Cunha e o Jornal “O Martello”. Material datilografado, inédito, 1969. p. 26.

valizado, de característica modernista. Nessa charge, retrata personalidades da época, fazendo uma ácida crítica as atitudes de cada personagem, incluindo a charge central que põe em questão a conduta do fisco, tão atual hoje.

No exemplar de nº 2, ano 5, Vieira da Cunha faz uma homenagem ao amigo da família, o poeta João Motta, que lançou o livro “Musa Simples”. Phídias (Dr. Belisário) também o homenageia com o texto ao lado da caricatura?. João Motta além de poeta foi escritor e jornalista, uma figura pública de Cachoeiro do Itapemirim, defensor dos ideais libertários, tanto que segundo Paulo Monteiro (2011, p. 73) “o jornal ‘O Cachoeirense’, por ele dirigido, foi empastelado em



VIEIRA DA CUNHA. Capa do periódico "O Martello", 26/11/1908. Fonte: ROCHA, L. De Vasco Coutinho aos Contemporâneos. Ed. Embrasa. 1977. p.142.



VIEIRA DA CUNHA. Página 2 com charge política ao Dep. Nestor Gomes - "O Martello". Fonte: ROCHA, L. Os Vieira da Cunha e o Jornal "O Martello". Material datilografado, inédito, 1969. p. 30.



VIEIRA DA CUNHA. Capa do periódico "O Martello", 18/02/1909. Fonte: ROCHA, L. Os Vieira da Cunha e o Jornal "O Martello". Material datilografado, inédito, 1969. p. 32.



VIEIRA DA CUNHA. Charge de personagens não identificados, s. d. Fonte: ROCHA, L. Os Vieira da Cunha e o Jornal "O Martello". Material datilografado, inédito, 1969. p. 37.

1906." A vasta produção literária de João Motta foi esquecida e perdida. Em 1966, o jornalista Trófanos Ramos reuniu o que sobrou de suas obras no livro "Poesias de João Motta".

Nota-se um amadurecimento, uma evolução com traços mais limpos, fortes e seguros. Percebe-se também a introdução da hachura, uma técnica artística utilizada para criar efeitos de tons ou sombras a partir de linhas paralelas próximas. O conceito principal é o de que a quantidade, a espessura e o espaçamento entre as linhas irão afetar o sombreado da imagem como um todo e enfatizar as formas, criando ilusão de volume, diferenças na textura e na cor.

As linhas tracejadas devem sempre seguir o formato do objeto desenhado. A presença da hachura no chapéu, cabelo, por traz do coqueiro traz um efeito tridimensional ao desenho, acresce perspectiva, apesar de ser um desenho bidimensional.

A página 2 do exemplar acima mostra uma charge fazendo uma crítica aos candidatos da eleição que não valem votos. Nota-se abaixo do desenho a presença de um texto de conteúdo irônico, acrescentando potência à crítica da charge. Ladeando o quadro da charge há um texto criticando o deputado Nestor Gomes, que cometeu o equívoco sobre o estado de origem de Bernardo Horta. Não foi encontrada

a página seguinte da continuação do texto, por isso não se pode afirmar que também seja de autoria de Vieira da Cunha. A charge é simples, poucos traços, porém bem definidos e sintéticos. É interessante analisar como os políticos há mais de 100 anos, no início da república, já não inspiravam credibilidade e confiança à sociedade.

Na capa acima, Vieira da Cunha adverte para o que hoje é conhecido por todos. O Brasil paralisa durante o carnaval, só a folia acontece. Ser um bom desenhista é um atributo para um caricaturista, mas a criatividade e o senso crítico é um aspecto fundamental para que o trabalho torne-se notório ao público.

O potencial da caricatura e da charge é usar a comicidade e a sátira com o fim de denúncia, e fazer rir até mesmo os denunciados. Baudelaire declarou que "a caricatura é dupla: o desenho e a ideia; o desenho violento, a ideia mordaz e velada; complicação de elementos penosos para um espírito ingênuo, acostumado a compreender por intuição coisas simples como ele." (CITAÇÃO DIRETA) A charge acima é a ilustração dessa declaração de Baudelaire, a sátira ilustra a hipocrisia da elite da sociedade da época. Percebe-se no desenho, traços mais limpos, firmes e seguros, além da introdução de perspectiva.

Em outra publicação em 1977, chamada “De Vasco Coutinho aos contemporâneos”, Levy Rocha relata que ao terminar a monografia “Os Vieira da Cunha e o Jornal ‘O Martello’”, enviou uma cópia ao poeta Carlos Drummond de Andrade, que ao ler, generosamente escreve a carta abaixo:

Os jornais manuscritos sempre me seduziram, e as caricaturas também. Por isto, foi com satisfação que recebi seu trabalho: “Os Vieira da Cunha e o jornal O Martello”, contendo interessantíssima documentação sobre um dos mais curiosos mini-jornais ilustrados que já fizeram no interior. Acresce uma circunstância: trabalhei ao lado de Vieira da Cunha, por algum tempo, no porão da Biblioteca Nacional, onde funcionava a seção da Enciclopédia Brasileira, do Instituto Nacional do Livro, e tinha simpatia por ele. Por sinal que, em sua discricção jamais me revelou os dotes de caricaturista excelentes, que eu admirava através da leitura de velhas revistas cariocas, sem entretanto ligar o nome à pessoa... Por mero acaso – prossegue o poeta Carlos Drummond de Andrade – estou em condições de fornecer ao distinto confrade um esclarecimento sobre a fotografia reproduzida na pág. 15 do seu livro. O grupo não foi tirado em Cachoeiro do Itapemirim, e sim no Rio de Janeiro. Percorrendo, há dias, a coleção de revistas “Selecta”, pertencente a um amigo meu, lá encontrei aquela foto, e mais duas, feitas na mesma ocasião, todas estampadas no número 10 de maio de 1919, com a seguinte legenda: “A vida carioca – Correia Dias, o nosso prezado companheiro de trabalho Vieira da Cunha ofereceram, na sua residência encantadora da rua da Matriz, um chá à família do Dr. Belisário Vieira da Cunha, no dia de seu aniversário. Como as nossas fotografias deixam ver, as mãos da fada de Correia Dias, aliadas ao bom gosto de Vieira da Cunha, criaram um ambiente de delícias para aquela reunião de intimidade.” E o poeta que tanto me honrou com sua atenção, assim finaliza a carta: “Muito lhe agradeço a boa lembrança de enviar-me seu valioso trabalho, e mando-lhe,

cordialmente, o meu abraço.” (ANDRADE apud ROCHA, 1977, p. 144-145).

Diante da exposição feita, é percebido que “O Martello” trabalhava sempre com abordagens que tratassem de questões políticas, culturais e sociais que ocorriam em Cachoeiro do Itapemirim, e que fizessem sentido à sociedade. Um jornal constituído e propagado principalmente para a sociedade Cachoeirense.

Certa vez, “O Martello” foi apresentado à Tribuna da Câmara Federal, pelo deputado Graciano Neves, e de acordo com Ruben Gill (1942, p. 01),

foi o único órgão da imprensa cachoeirense respeitado pela fácil irritabilidade de partidários da política local, empasteladores de quotidianos, e outros representantes do ‘quarto poder’!

Conclusão

Desde a monarquia, o humor era uma espécie de denominador comum entre a intelectualidade das grandes cidades brasileiras, mas se intensificou a partir da proliferação das revistas ilustradas. Foi nesse clima propício, com polêmicas acirradas em várias áreas, que as revistas humorísticas surgiram, denunciando o sistema, opondo-se as decisões erradas, exaltando a cultura, criticando a elite e os governantes e trazendo um pouco de conhecimento ao povo. Devido ao poder de comunicação conquistaram leitores fora das elites, já que não era preciso saber ler para entender as caricaturas e charges. E lá estavam “O Malho”, “D. Quixote”, “Careta” entre outras, fazendo história. Os periódicos correspondiam principalmente aos enfoques sociais da população. Devido às suas publicações polêmicas e satíricas, suas opiniões tornavam-se, a cada dia, mais interessantes a vários leitores da presente época. Exemplificamos como era tratada a política que, em outros jornais e revistas eram publicadas de forma sistemática com arti-

gos de críticos, contextualizando-as com o momento temporal. Essas revistas ganharam admiradores e foi inspiração para o surgimento de novos periódicos. Esse não foi exatamente o caso da criação de “O Martello”, mas foram as revistas cariocas e seus conteúdos críticos que inspiraram Vieira da Cunha na formulação do mensário.

O periódico “O Martello” foi um produtor e produtor social de notícias, opiniões, novidades e costumes da sociedade. Mesmo com toda censura e repreensão governamental da época, o jornal de forma sutil e humorística, mas com conteúdo honesto e verdadeiro, sobreviveu aos empasteladores e usufruiu da liberdade de expressão. Divulgou seu trabalho de forma expansiva e contagiante, e os leitores cachoeirenses corresponderam às chamadas, sendo fiéis ao mensário.

Referências Bibliográficas

- BAUDELAIRE, C. *Escritos sobre Arte*. São Paulo: Imaginário, 1998.
- BRAGA, R. *Crônicas do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Global Editora. 3ª edição. 2013. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=hsZcBAAQBAJ&pg=PT61&dq=Os+vieira+da+Cunha+de+Cachoeiro+de+Itapemirim&hl=pt-BR&sa=X&ei=UYEtVbixBsGosAT1voGwDQ&ved=0CBoQ6AEwAA#v=onepage&q=Os%20vieira%20da%20Cunha%20de%20Cachoeiro%20de%20Itapemirim&f=false>. Acesso em: 20 mar. 2015.
- BRANDÃO, A. P.; *Um olhar bem-humorado sobre o Rio dos anos 20*. Secretaria Especial de Comunicação Social CADERNOS DA COMUNICAÇÃO. Série Estudos – Vol. 5. ISSN 1676-5494. Março de 2003. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101397/estudos5.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2015.
- CALIMAN, O. *Formação Econômica do Espírito Santo: de Fragmentos do Período Colonial à Busca de um Projeto de Desenvolvimento*. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/rigs/article/viewFile/10061/7196>. Acesso em: 22 de abril de 2016.
- CARVALHO, M. A.; *Rubem Braga: um cigano fazendeiro do ar*. São Paulo: Globo. 1ª Edição. 2007. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=mpVkJWinXxAcC&pg=PA54&lp=PA54&dq=Ant%C3%B4nio+Belis%C3%A1rio+Vieira+da+Cunha&source=bl&ots=AKxnXC_n4u&sig=27XKNPX-2GstSgqtLv9SnQYUy5lO&hl=pt-BR&sa=X&ei=6sclV-cKdOMbYgwTB6llo&ved=0CCUQ6AEwAQ#v=onepage&q=Ant%C3%B4nio%20Belis%C3%A1rio%20Vieira%20da%20Cunha&f=false. Acesso em: 20 de março de 2015.
- COSTA, D. M. V. *Cachoeiro do Itapemirim – Um Clube Republicano e um herói*. Disponível em: <http://www.estacaocapixaba.com.br/2016/01/cachoeiro-de-itapemirim-um-clube.html>. Acesso em: 16 de junho de 2017.
- COTRIM, A. *Catálogo da exposição O Rio na Caricatura*. Organizada pela Seção de Exposições da Biblioteca Nacional e patrocinada pelo Jornal do Brasil, como contribuição aos festejos dos 4.º Centenário da Cidade. Biblioteca Nacional, 1965. 61p. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_ikonografia/icon693341.pdf. Acesso em: 03 de março de 2016.
- FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Artes e Ofícios Editora Ltda.: Porto Alegre, 1999.
- FRANCO, S. P.; HEES, R. R. *A República e o Espírito Santo*. Vitória: multiplicidade, 2003.
- GILL, R. *O século boêmio*. Rio de Janeiro: Jornal Dom Casmurro. 19 dez. 1942. Arquivo Biblioteca Nacional.
- GOMBRICH, E.H. *A história da arte*. 15 ed. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara, 543 p.
- GONDIN, F. da. *Biografia do Jornalismo Carioca*. Ed. Quaresma, 1941. 416 p.
- GOUVÊA, L. V. B. Cecília em Portugal. Ed. Iluminuras Ltda. 2001. 131p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=uK9QeChVPF5C&pg=PA50&lp=PA50&dq=Caricaturas+de+Vieira+da+Cunha&source=bl&ots=WRABB-nLE5o&sig=pmdHouOKMbA691oZg9DTT6AG5wk&hl=pt-BR&sa=X&ei=IMklVe2aEstCgT6mIPACQ&ved=0CE8Q6AEwDA#v=onepage&q=Caricaturas%20de%20Vieira%20da%20Cunha&f=false>. Acesso em: 20 de março de 2015.
- LIMA, H. *História da Caricatura no Brasil*. Vol. 4. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1963.
- MEN. S. L. *Daumier et la caricature*. Ed. Citadelles & Mazenod. 1ª Ed. 2008. 236 p.
- MONTEIRO, L.; *O movimento modernista e a construção de uma identidade nacional sob a égide do Estado Novo*. Disponível em: https://bibliobelas.files.wordpress.com/2012/02/1345085694_arquivo_artigo-lucianomonteiroshbc.pdf. Acesso em: 12 de maio de 2015.
- MORAES, A. J. de M. *História da Trasladação da Corte Portuguesa Para o Brasil*. Rio de Janeiro: Livr. da Casa Imperial de E. Dupont Editora, 1872. 450 p.
- MURUCI, L. P. *Seth: um capítulo singular na caricatura brasileira*. Rio de Janeiro: PUC, 2007.
- ROCHA, L. *De Vasco Coutinho aos Contemporâneos*. Ed. Embrasa. 1977. 205 p.
- ROCHA, L. *Os Vieira da Cunha e o jornal “O Martello”*. Brasília, set. 1969. 57p. (Obra concluída, mas não publicada).
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão, tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole, São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SUETH, José Candido Rifan. *Espírito Santo, um estado “satélite” na primeira república*: de Moniz Freire a Jerônimo Monteiro (1892-1912). Vitória: Flor & Cultura, 2006.

VELLOSO, M. P.; *A Brasilidade Verde-Amarela: nacionalismo e regionalismo paulista*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 89-112. Disponível em: http://www.casarui Barbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB_MonicaVelloso_Brasilidade_verde_amarela.pdf. Acesso em: 10 de maio de 2015.

ZANON, M. C. *A sociedade carioca da belle époque nas páginas do Fonfon!* Patrimônio e Memória: UNESP, Assis – São Paulo, v. 4, n. 2, p. 217-235, 06/2009.

_____. *Os Intelectuais e a Política Cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987. 50 p.

_____. *O modernismo brasileiro: outros enredos, personagens e paisagens*. 2007. Disponível em: <https://nuevomundo.revues.org/3557>. Acesso em: 02 de maio de 2015.

_____. *O modernismo e a questão nacional*. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO; NEVES L. de A. *O Brasil Republicano: o tempo liberalismo excludente*. v. 1, 2, Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ZUIN, J. C. S.; *a crise da modernidade no início do século XX*. Revista Estudos de Sociologia - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - Universidade Estadual Paulista - v. 6, n. 11 (2001) – Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/412>. Acesso em: 12 de maio de 2015.

Recebido em: 25/11/2016

Aprovado em: 02/10/2017

